



Ano IV

Florianópolis, Agosto de 1948

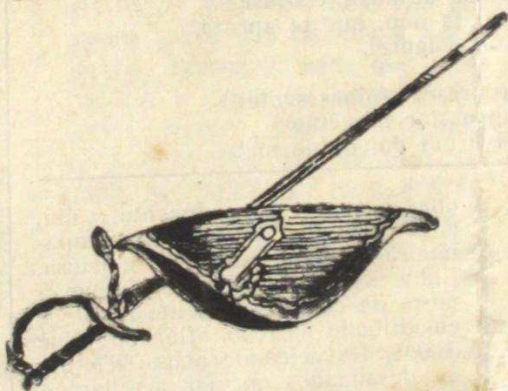
N. 6

Caxias, às tuas ordens os estudantes

25 de Agosto é o dia da ufanía. do exército. "O Colegial", em nome dos alunos deste colégio, bate palmas ao soldado do Brasil. A sua dia maior. Embora Caxias pertença também aos estudantes, como pertence a todos os que amam o Brasil não com palavras, mas com a lealdade da espada e do trabalho!

A voz de Caxias é a voz do Brasil. E a voz de um Brasil, pela boca de Caxias, nós conclama, pergunta, manda: Fazei o exame de consciência de vossa brasilidade. Onde começa o vosso interesse por vosso Brasil? Ou será, por vezes, sumária a troca traidora e covarde: patriotismo por russianis-

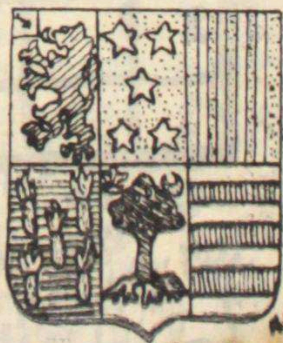
mo? Mas assim tem trocado brasileiros dos nossos dias. Não são mais brasileiros. As cinzas de um soldado os amaldiçoam. Quanto a nós, Duque de Caxias, Marechal Alvez de Lima e Silva, às tuas ordens os estudantes.



Espada e chapéu militar que não conheceram a inércia senão no museu glorioso que recorda uma imortalidade!



Sua sepultura muito tempo permaneceu esquecida e abandonada no Cemitério de Catumbi, até que, por fim, o Exército tomou a si uma condigna consagração e o carinho queurgia, para com o militar máximo. Apliquemo-lhe o eterno aviso das Termópilas: Cuidado, tu que passas! Não vás pisar as cinzas (e a lousa) de um herói.



Brasão e coroa ducal de um brasileiro

MAIS UM PASSEIO A CANASVIEIRAS

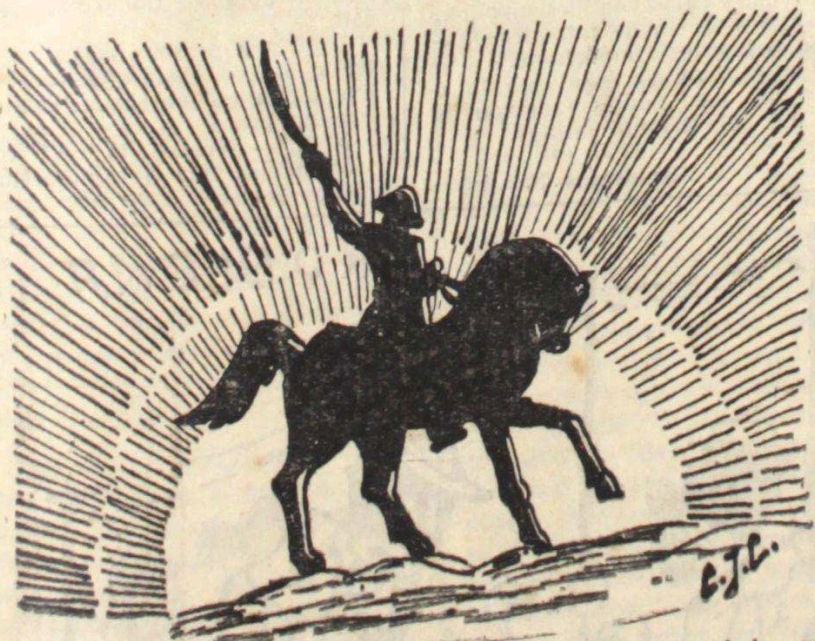
Gostei imensamente do passeio. De que passeio? A Canasvieiras, já se vê. Apesar do frio que nos atrapalhava. Era o Joel? Nem tenho bem certeza. Querendo aproveitar-se da minha capa. Era só o que faltava, nem trazer capa de casa. Mas não se deve bancar o urso. Sempre havia um lugarzinho nela. Ao sairmos do Ginásio, nem fazíamos, de começo, muito barulho. Seria o frio? Depois, a turma foi despertando. Chegando a Canasvieiras, o mar, o mar sempre poderoso nos prendeu logo a atenção. Depositadas a um canto as bagagens, pensou-se logo num passeio pela praia. Desencadeou-se entretanto uma luta livre. Na praia, foi marcado o "ring". Nem já me lembro de quem foram os campeões mundiais. O Jonas? O Pichote? O Nazareno? Esses eram os pesos leves. Dos pesos pesados, havia uma porção, cujo nome não me ocorre porque sou ainda dos leves, no ginásio. Mas, esperem! O Ademir venceu o Francisco Evangelista; o Ciro é o seguinte peso-pesado vitorioso que me ocorre.

O Ronaldo Salum foi o judiado da hora do banho, quanto reparei, porque, de minha parte, estava ainda todo metido na luta livre, que continuava, extra-oficial.

E agora, depois do banho, vamos comer! O padre Antônio preparou uma bebida, um refresco. Era pão, café; uma salada de frutas, até. Nem faltaram os esganaços, avançando no que era dos outros. Fósforos e cigarros desapareceram nas mãos destes inimigos da humanidade. De tarde, fomos até a outra ponta da praia, subindo e descendo pedras. Já tomaram banho alguns, fora do programa. Fui num lugar, a meu ver raso. Para que? Eu queria passar e acabar mergulhando na banheira. Tivemos oportunidade de ver um lance de peixes. Até um polvo, de tamanho menor, veio na rede.

Pelos 4,30: Está saindo de volta o primeiro caninhão, com a maioria da turma. Eu vim no segundo, às 5,15. Era só pessoal no chão

(Conclui na 3ª página)



Carregaram o seu féretro seis soldados rasos; mas esses soldados que circundam agora a gloriosa cova é a voz que se levanta para falar em nome deles, são o corpo e o espírito de todo o Exército Brasileiro (Palavras do Visconde de Taunay junto à tumba de Caxias).

VELHOS HEROISMOS DE UM BRASIL QUE NUNCA MORRERÁ

(Gloriosa Fuga)

Quando rompeu a guerra em 1889 contra o tirano Lopes o Brasil não estava bastante prevenido para a luta.

Não tinha nem um grande exército, nem uma forte marinha.

São coisas estas que se não conseguem em pouco tempo, e a menos difícil conseguir exército que marinha.

Não só é sempre demorada a construção de navios, como o adiestramento das tripulações requer algum tempo de vida e faina de bordo.

Foi portanto necessário que, em quanto nos rios do sul os nossos oficiais se batiam com os de Lopez, outros aqui ficassem a trabalhar dia e noite nos arsenais, dirigindo o reparo ou a construção de navios.

Era um trabalho incessante e titânico.

E deu os melhores resultados, porque desde o inspetor do Arsenal de Marinha, que era o chefe de divisão Lamago Costa até o último operário, todo o pessoal fazia questão de honra em não retardar à Pátria os elementos indispensáveis à sua defesa.

Para dizer com que rapidez se executavam os Serviços no arsenal basta lembrar que um encouraçado, o Tamandaré, foi todo construído em 5 meses.

Mas o governo do Brasil quando estava na iminência da guerra já tinha em construção ou adquiridos na Europa alguns navios, quasi todos.

Entre eles o Brasil, nos estaleiros franceses de Toulon.

Lá estava o oficial brasileiro Henrique Baptista, capitão-tenente.

O encouraçado concluído esperava guarnição e alguns remates para fazer-se de rumo ao Brasil.

Estalou então a guerra; e o governo francês recusou-se a deixar sair o navio, porque depois da guerra declarada nenhuma nação pode vender ou fazer entrega de navios às que lutam.

Mas o oficial brasileiro é que se não conformou com isto, tanto mais quanto o Brasil pertencia ao Brasil que o adquirira antes de começar as hostilidades.

Como trazê-lo porém, se não tinha guarnição nem oficiais? Como fazê-lo sair de Toulon com a recusa do governo Francês?

Não desanimou apesar de tudo. Concebeu um plano e teve a coragem de executá-lo, mau grado todos os riscos que lhe encerrava.

Arranjou às pressas e às escondidas uma guarnição composta de turcos, gregos, italianos e outros, desocupados no porto de Toulon.

Meteu furtivamente provisões para a viagem e conduzindo para bordo sua mulher, única confidente de tão arrojados projetos, fez o Brasil deslizar de mansinho do porto, uma madrugada, e ganhar o

MAIS UM PASSEIO A CANASVIEIRAS

(Conclusão)

(do caminhão, está claro?, caindo quando banco caía. Era um banco ao comprido, no meio do caminhão. O pobre do Emanuel estava sentado no chão, com dor de cabeça. João Pio, João Pio! gritavam, quando passamos na casa — não sei se era do tio do Asa.

Ajudamos no ginásio a carregar para dentro de casa os bancos do caminhão do Sr. Daux, à generosidade de quem todos os alunos nos reconhecemos gratíssimos.

Agora, pois, que terminou este, já estamos pensando noutro picnic. Até lá, se Deus quiser.

Luis A. O. Veiga. 2º ginásial C.

COISAS DO CID

(Versos alexandrinos de A. Francisco A. de Icaza; tradução de Sidney Damiani, 3º Cient.)

Conta em versos Barbey que valem bem sua prosa,
Uma façanha do Cid, viçosa como a rosa,
Pura como uma pérola. Não se ouve na façanha
Ressoar pelo vento as trombetas de Espanha,
E nem com medo o mouro as tendas abandona,
Ao ver no sol a alma de aço de Fizona.

Babieca, descansando do furacão guerreiro,
Tranquilo pasta, enquanto o bravo cavaleiro
Sai a gozar do ar e da estação florida.
Eis vindo a primavera, eis revoando a vida:
Abriu lírios e sonhos no vale do universo.
Rodrigo de Vivar passa, passa introverso.
Por uma senda embaixo, embaixo ao sol glorioso:
Estendendo-lhe a mão, o detem um leproso.

Frente a frente, o soberbo príncipe da chacina
E da vitória, jovem, belo como Santiago,
Frente ao horror que vive, carniceira que palpita,
Que os subúrbios infecta de exalação maldita!

E ao Cid estende a mão o sinistro mendigo.
E sua bolsa busca; não encontra a Rodrigo.
— Oh Cid, dá-me esmola? diz o enfeitado.

Eu te ofereço a esmola desta mão, — Irmão,
Diz Cid; e a luva tirou de ferro; a mão estende.
A destra ao miserável, que chora e que compreende.

Gesta que o Condestavel propina! Precioso
Vinho em taça de França, eis o vinho ditoso!
Junto-lhe de Castela um trago de licor:

Quando acabara a mão na luva de repór,
Segue o caminho Cid, pela primaveral
Sença. Um passaro dava as notas de cristal:
Sobre a árvore. O céu profundo desparzia
Um perfume de graça entre a glória do dia.
As ermidas lançavam n'aura sonora
Sua chuva de rolas d'ouro melodiosa.
A alma das flores ia pelos caminhos, ia,
A unir-se com a voz dos peregrinos pia,
E o grande Rodrigo Diaz de Vivar, satisfeito,
Ja qual se levasse uma estrela ao seu peito,
Quando lá da seara aromada de essência

Menina? Sim, que fora uma mulher, de franca
E angelica pupila, bem doce e muito branca.
Uma menina? Fada que aparecera, era,
Humana encarnação da diva Primavera.

E foi ao Cid e diz-lhe: "Alma de amor e brasa
Por Jimena e por Deus, Eu te dou, que te apraza,
Esta rosa nascente e este vivo laurel.

E o Cid, sobre seu elmo as frescas folhas sente;
E na luva de ferro está uma flor nascente
N'alma vive um dulçor, vive um dulçor de mel.

mar alto para a árdua travessia atlântica.

Quando as autoridades francesas se aperceberam já ele ia longe, muito longe.

Sem oficiais que o auxiliassem e que o rendessem nos quartos de navegação com uma tripulação composta de facinoras perigosos de diversas nacionalidades que francamente estavam em rixa e que seriam capazes de um crime contra a sua vida, só um homem da tempera heróica se arrojava ao ato que ele praticou.

Vivia quasi inteiramente no passado; só poucos minutos se afastava para verificar qualquer fato com a sua presença.

De noite, todas as noites desde a França ao Brasil, não dormia.

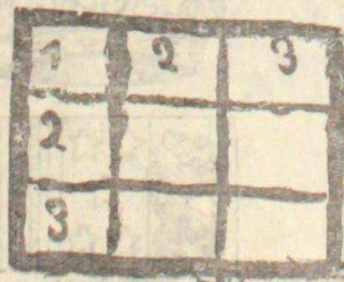
E para repousar em uma ou

duas horas de sono durante o dia, a sua mulher, a heróica companheira de uma existência gloriosa, tinha de ficar vigiando, de pé, a porta da câmara, com um revólver engatilhado na mão, afim de evitar o bote traçoireiro de algum d'aquelles desalmados que ele arrebanhara nos caes de Toulon para poder prestar à Pátria um serviço inestimável.

Assim se fez a travessia ousada que permitiu ao Brasil incorporar à sua esquadra um encouraçado moderno, capaz de desempenhar na guerra, como de fato desempenhou, um papel importante.

Não foi um combate esta façanha, mas nem por isso deixou de ser um belo triunfo militar.

(Leituras Navais)



1 — horizontal e vertical: iniquidade
2 — " " " : asa
3 — " " " : futuro dos noivos

O COLEGIAL

Órgão dos alunos do Colégio Catarinense

Sob a responsabilidade da Diretoria do Estabelecimento.

Redação: Colégio Catarinense



"... Meu pai, então, todo ele remeça rapaz. Lê nossa folha, deliciando-se em rever nela os seus tempos de aluno".

RESPOSTA DAS ADIVINHAÇÕES

- 1) Pão.
- 2) Porque senão não saberia a procissão para onde dirigir-se.
- 3) Dinheiro falso.

RESPOSTA DAS CHARADAS

- 1) Sapo.
- 2) Prefeito.
- 3) Macega.
- 4) Fado-Fada.

Nº II CHARADAS

1. Num telheiro estão pousados 6 pardais. Sendo um deles derubado a tiro de funda, quantos pardais ficam no telheiro?
2. Em que hipótese $2 \times 2 = 5$?
3. Como se transforma o nº 666 em outro um terço maior, sem acrescentar coisa alguma?
4. Dois pais e dois filhos foram a caça, conseguindo 30 pombas. Chegando em casa dividiram as 30 pombas e cada qual delas recebeu 10 pombas. Como explicar o fato?
5. Cinco pessoas repartem entre si 5 ovos. Cada qual recebe um ovo e contudo no fim há ainda um ovo no prato.

N. B. — Será rifado um livro entre aqueles que apresentarem soluções certas.

PROBLEMA



1 — horizontal e vertical: iniquidade
2 — " " " : asa
3 — " " " : futuro dos noivos

O RESPEITO PELA LIBERDADE

OU

A LIBERDADE PELO RESPEITO

LIBERDADE! exclamam os escravizados. LIBERDADE exclama a humanidade.

Porém que é liberdade? donde vem? como se exprime?

Sou livre? Perguntam milhares de pessoas.

Sim, somos livres, porém, não absolutamente pois onde reina a liberdade absoluta, não pode existir ordem, não existirá justiça e assim sendo, ainda seremos escravos.

Vejam este exemplo:

Dois indivíduos devem atravessar um abismo por cima de um tronco estreito. Disse o de lá:

"Eu sou livre; tenho o direito de passar primeiro. Você não me pode impedir o caminho".

Protesta o de cá:

"Também sou livre; possuo o mesmo direito".

Se não houver um entendimento razoável entre os dois nenhum passará.

Porém se ao contrário entrarem num acordo resolverão, como passar sem serem ambos prejudicados.

Para haver um perfeito acôrdo é necessário que haja um pouco de compreensão; para termos compreensão é preciso que não haja ignorância. Donde concluímos que se os seres racionais são livres, porque liberdade é "possibilidade de escolha". O animal não escolhe. Reage ou não. Pode ou não pode, conforme a excitação de fora o instinto de dentro.

Liberdade é possibilidade de escolha, sim; porque se escolhemos, mal foi uma escolha nossa, se a opinião de mais ninguém e, sendo nossa, é livre. Podemos ou não na pelir uma bicicleta recém comprada e na tanto desejada cotra um automóvel, que sem dúvida alguma a reduzirá a ferro velho. Fazemo-lo? Não, porque compreendemos o absurdo. Logo virá a consequência oriunda de um ato que foi livre mas mal escolhido. Vejamos outro exemplo menos absurdo.

Um sacerdote, para nós, não seria um ser livre pois que está sujeito a uma rigorosa disciplina. Não podemos compreender que haja liberdade neste modo de vida. Porém poderá julgar-se o sacerdote desprovido de liberdade? Não, não se poderá, pois que a escolha foi dele, e, se foi dele, é livre: ele quis este meio de vida porque achou que seria suficientemente livre, talvez até livre por excelência, libertado em sua continência e obediência das cadeias que a muitos outros escravizam.

Destes exemplos, quase que podemos concluir que a falsa liberdade, ou antes a libertinagem nasce do egoísmo do homem; é uma ansia de querer constranger sem ser constrangido.

Mas, perguntarão muitos; então foi por meio da liberdade que se escravizou o homem? Foi por desrespeito à mesma, em nome de uma falsa liberdade. Se não tivermos uma liberdade que respeita e sim um desrespeito que repisa direitos de liberdade, se aderimos para este lado, voltaremos a ser os mesmos trogloditas que exteriormente pareciam homens livres, por poderem fazer tudo, sem que uma sociedade os metesse na cadeia, ou os repreendesse e apesar disto, eram mais escravos do que nós, porque os perseguia o medo, a inquietação do inimigo desco-

UM JULGAMENTO SALOMÔNICO

Dois irmãos herdaram uma fazenda e discutiam violentamente a sua divisão.

Enão, vivia na aldeia deles um velho homem notável pela prudência de seu juízo. A ele determinaram os dois irmãos escolher para árbitro. O que ele dissesse seria executado. Apresentaram diante dele o assunto. Depois de longamente pensar, deu-lhes seu juízo.

"Você, disse ele, apontando o mais jovem, dividirá a fazenda como achar melhor. E você, continuou ele, apontando o mais velho, escolherá a primeira porção.

ADIVINHAÇÕES

1. Quanto mais quente sou, mais fresco sou. Quem sou?

2. Por que se leva a cruz à frente da procissão?

3. Aqueles que o fazem, não o dizem; Aqueles que dizem não o fazem; Aqueles que o conhecem não o pegam; Aqueles que o pegam não conhecem-no.

INSONIA

— Fiz um progresso, doutor: Ontem, não preguei olho antes de ter contado até 399.927, mas na noite passada eu adormeci em 399.915...

PARA COMPLETAR A SOMA

— Como, tu te fizeste extrair dois dentes, quando só tinhas doente um dente?

— Que queres tu? O dentista não tinha 25 cruzeiros para me devolver dos cinquenta que lhe dei; então ele me arrancou o segundo.

PEQUENA HISTÓRIA

Um homem foi atropelado por um veículo na rua. É levado moribundo ao hospital. Como não se conhecia sua religião, chamou-se o pastor, o rabino e o bispo.

O pastor começa, o homem nada faz.

Vem a vez do bispo, que lhe apresenta a ametista.

O moribundo se eleva vagamente e diz à custa:

Eu não vos posso dar senão 100 cruzeiros.

— Afastai-vos, diz o rabino ao bispo, é para mim.

(Tradução e adaptação do inglês e Francês).

Carlos Coelho, III C.

nhecido, sempre pronto a tirar-lhes a vida.

Afinal, não eram seguros e não eram livres; não podiam arriscar-se a passar, por exemplo, como nós, uma noite fora de qualquer abrigo.

Se o homem cumpre com o seu dever, é livre, porque a liberdade está no equilíbrio do dever e da posse.

Se houvesse liberdade absoluta, poderíamos voar e fazer outras tantas peripécias. Mas, mesmo em pleno domínio da liberdade medra frequentemente a relatividade.

Liberdade não consiste em fazer tudo, sem respeito a nada, mas sim em fazer tudo respeitando ao alheio, não nos apossando da liberdade que a ele também foi concedida.

Liberdade palavra que rasgou os séculos, palavra escrita com a tinta de sangue, e cuja pena é o egoísmo do homem. Palavra em torno da qual fazem infinidade de vidas, palavra pela qual pugnam os grandes vultos da história.

Liberdade, cobre-nos com teu dourado manto de paz.

Carlos Hugo de Souza
3º grã. B.



QUEM PAGOU O PATO

Naquela memorável despedida
Do nosso estrondoso pique-nique,
Quando a turma já dava o último pique
Prontos para a bagunça da partida,

De um pobre caipira
A voz exaltada
Bem tagarelada
Ouvu-se, com ira.

Lamentava-se contra o seu destino
Que tivera o querido seu patinho
Fora sem dó judiado... coitadinho
Por um patife que perdeu o tino

Foi logo ele exigir
Que o malvado pagasse,
Movia-o sua classe,
Na arte de pedir

Mas então, quem era esse malvado?
Eu? Tu? ele?... Ninguém de nós era.
Disse então o Padre Maroco: "Espera"
Que eu vou já descobrir quem é o danado.

Depois do interrogatório,
Embora muito enjoado,
Nada ficou resolvido
A não ser o pagatório.

Quem deve, pois então, pagar o pato?
Eu? tu? ele?... Ninguém de nós queria
Pagar o bicho que depois iria
Na certa da panela para o prato.

Mas gaita era manga de colete.
E a vontade de comer o pato,
Isto não há dúvida, era mato!

E para terminar com esta história
Que já ficando está muito cacet...
O caipira cantou a sua glória

O pato arrepiou o topete
P. Maroco paga o pato.
Cozinheiro fá-lo-á prato.

Que! Cozinha e que! Prato!
Que cozido de pato
Nada disso! De fato

Não foi o padre que pagou o pato
Mas foi o pato que pagou no prato
Mexendo, na ração de um cão. Num ato

Assassinou-o o "Rex", pato em seu prato
E o que seria prato, morreu pa o!

Urbano Salles, 4ª, Série A.

CHURRASCO DA SAUDADE

Com o fim de estreitar mais e mais os laços de amizade dos antigos alunos do Colégio Catarinense, a direção da A. S. I. A. marcou para o dia 25 de julho d. a realização de um churrasco sob a frondosa figueira do Colégio.

As onze e meia, o sino que outrora imperava o silêncio, sôa convidando a todos para a assistência da missa dominical. O Rev. P. Braun inicia as orações ao pé do altar acolitado por quatro veteranos enquanto no côro vibram as vozes dos Faria, Macuco e outros mestres do som. Não foi sem a evocação de horas felizes e saudosas da mocidade que se assistiram as santas cerimônias da missa na Capela em que a maioria fez a sua primeira comunhão.

Terminado o canto do "Queremos Deus", os ex-alunos se encaminharam para as mesas dispostas ao lado da churrasqueira. Salada de batatas, cebolada, farinha, carne de porco e de rês despertaram o apetite dos presentes. Nem faltou um rebolo para afiar facas, fações e canivetes. A uma ordem do P. Ernesto, levantam-se das brazas e em caravana se dirigem para as mesas, os cento e vinte espetos saborosos. Momentos de febril atividade. O "gordo" consagrou-se campeão na arte de "limpar" espetos, sendo distinguido com a insígnia de uma enorme vértebra de rês.

Iniciando a parte oratória da festa, o Rev. P. Diretor do Colégio explicou os motivos que levaram a comissão diretora da A. S. I. A. a optar por um churrasco em lugar do banquete combinado: mais espontaneidade, intimidade, e, por conseguinte, maior união e alegria. Indicou também os representantes da A. S. I. A. local junto à Federação Nacional dos Antigos Alunos dos Jesuítas, Srs. Drs. Artur Costa Filho e Otávio Mendes Freitas, nomes esses que tiveram a aceitação unânime dos presentes. Comunicou também que assistirão o Congresso dos Antigos Alunos da Companhia de Jesus a se realizar em S. Paulo, o Rev. P. Braun, o Dr. Rafael Cruz Lima e todos os que desejarem.

A seguir falou o Rev. P. Braun salientando a finalidade dessas reuniões tão concorridas que se estão efetuando neste Estabelecimento: satisfação por encontrar seus velhos camaradas, lembranças dos ensinamentos e bons propósitos dos tempos da mocidade tão risonha e feliz, oasis para retemperar o espírito fatigado pelas responsabilidades da vida diária. Ouviu-se também a voz amiga e íntima do Exmo. Sr. Prefeito Municipal, a retórica inflamada e propugnadora da sã alegria do Deputado Dr. Bulcão Viana, os sentimentos de satisfação do Dep. Dr. Pinto Arruda nesse dia de íntima fraternidade, e o vibrante improviso do Dr. Osmar Cunha frisando o caráter patriótico da A.

S. I. A. que congrega sob um mesmo ideal os filhos não só de Florianópolis mas de todo o Brasil. Quem, porém, no dizer comum venceu a todos os oradores foi o Sr. Miguel Daux. Com um chapéu clerical trepou na cadeira dos oradores! O que dirá? Representará uma comédia? Nada disso? "Este chapéu é santo: é do nosso querido P. Clemente. Venho fazer um apelo à generosidade dos presentes para auxiliarmos "o pai dos pobres" em suas obras caritativas". Passando de mesa em mesa, juntou em pouco tempo uma quantia superior a quinhentos cruzeiros. Outro elemento que despertou muita alegria foi a série de cantos executados pela popular e bela voz do R. P. Emilio Dufner.

Pelas 14 horas começou o "quebra-canêla" dos veteranos do futebol. Depois de meia hora as glândulas sudoríparas já tinham afogado os mais gordos com seu humor, e os músculos cansados pediam descanso. No velho galpão outra turma jogava volei na quadra em que dias antes se debateram Gauchos e Barriga-Verdes.

Pelas 4 horas esvaziaram-se os pátios. Cada qual dos ex-alunos terá sentido reviver novamente em seus corações as palavras amigas dos mestres de antanho, para seu ânimo e orientação nas refregas da vida, na firmeza de um nobre caráter.

Um ex-aluno.

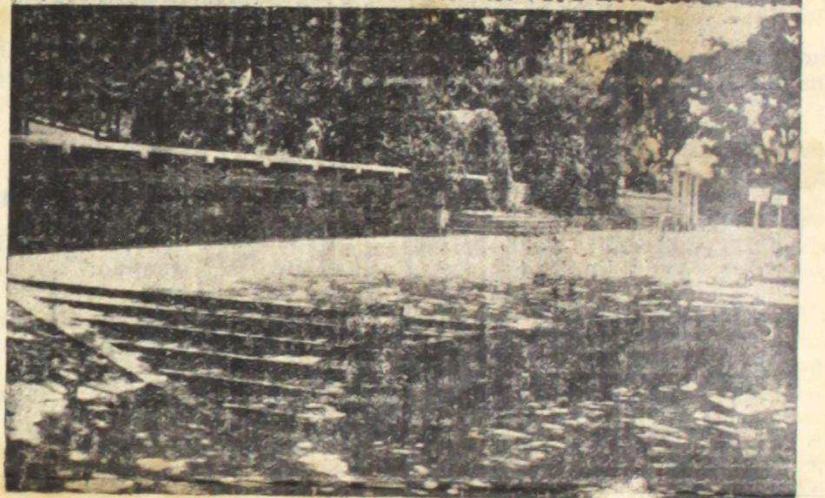
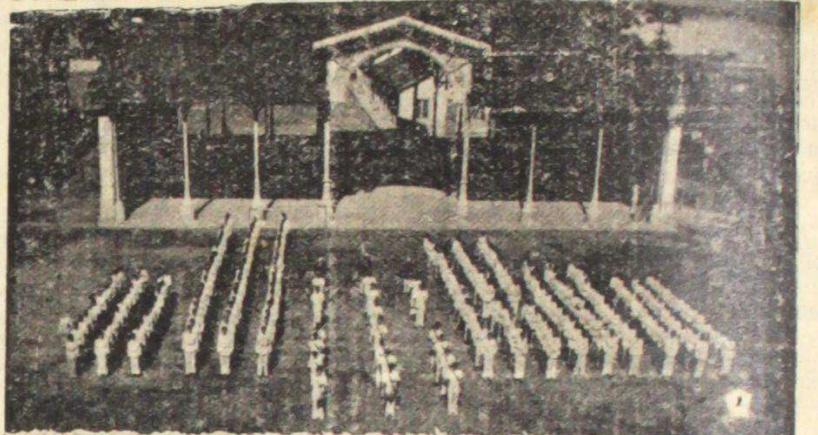
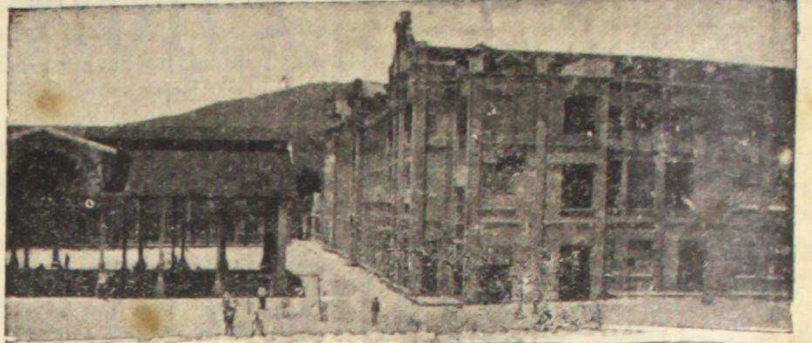
A HISTÓRIA DO BOM PADRE SCHULER

(Homenagem à Asia)

Venham, meus netos, venham, netos meus deste meu velho colégio. Venham assentar-se aqui a volta do velho avô. Vocês conhecem a história do bom padre Schuler? Pois então façam silêncio e prestem atenção. Como é linda esta história. É bem curta. A velha memória de vosso avô... Mas atentem bem; lembro-me de algumas coisas muito lindas, de certo.

Naquele tempo moço desta nossa velha Florianópolis, que mesmo então já parecia vetusta, fundavam-se os primeiros grupos escolares. Porém o padre Schuler não gostava de uma coisa: "Como é isto? pensava consigo mesmo, estes grupos só se fundam para filhos de boa sociedade! Não receberão os pobrezinhos uma escola gratuita para os filhos queridos?"

Olhem lá, olhem lá! Quem passa na rua? Todos o cumprimentam e quase a outros tantos ele... ataca. Vocês sabem? Custou-lhe muitos sacrifícios, muitos desprezinhos custou-lhe e muitas resistências. Mas vejam quem vai passando, quem vai esmolando de casa em casa, de coração em coração da antiga Florianópolis: "Quereis ajudar a construção da escola dos pobrezinhos? Quereis ajudar sua manutenção?" Tudo lá eles de graça tinham: Instrução, livros,



Aproxima-se o 7 de Setembro. Haverá parada? Acerta o passo, perfilhem-se melhor, soldados do estudo. Sem traições nem sonolências, alerta!

O sol, as canchas, o pórtico, as árvores, a gruta — e um convite do sol, do ar livre e da luz do dia para que nos tornemos livres pela saúde física, pela pureza de um espírito sincero para com a vida e para consigo.

cadernos, lapis, roupa, alimentos, e vai-vens do padre pela cidade.

Meio dia. Um lugar sobra, à mesa dos irmãos de ordem do padre dos pobres, lá no velho ginásio. De cada vez, pois, era-lhe mandado o rancho lá ao seu posto.

Quem recebia pão? quem recebia vestidos, roupas? quem remédios recebia e tudo quanto precisavam ter os que não tem? Os queridos pobrezinhos o recebiam. E o almoço do P. Schuler recebiam-no — que entre elas o repartia e inteiro distribuía — as crianças do padre Schuler.

Na rua, toda vez que deparava com qualquer dos contribuintes para os pobrezinhos: "Você já pagou?... Você já pagou?"

Porque quem pagasse havia — quem? — de receber depois uma recompensa. Disseram que o padre Schuler disse que ele conhecia o céu — todo um bairro — e cada qual que lhe trouxesse bondade para com os pobrezinhos, — após esta terrestre caminhada haveria de lá entrar para... este é o "céu do padre Schuler" — não esqueçais!

Foi a alma que fez, meus caros netos, a hora daquele veterano e primeiro Prefeito do novo Colégio.

Netos, prestem atenção. Vou contar a morte do velho. Vocês nem imaginam! Fez todo o comércio da cidade. E vejam como o homem era bem disposto, até pouco antes de expirar. O padre Godofredo Schrader, aquele outro antigo professor que vocês conhecem, de que ouviram falar que era muito sábio. Pois bem, o padre Schrader, ao pé do leito de seu irmão de ordem, per-

guntou-lhe convicto: "Quer que reze um pouco, padre?" O outro porém, não tinha absolutamente nenhum compromisso, parece, com a hora da prestação de contas. "Se gosta", retrucou pacata e comercialmente, quer dizer, como quem, sem mesmo nisto pensar, embojava no coração lastro de bem maior monta, para o Inconciente e Consciente de seus pensamentos.

E a criançada toda dos pobrezinhos, todas as crianças choravam, enquanto iam todas acompanhando o seu caixão, até lá ao alto do cemitério da ponte. Não esqueçais nunca, netos meus: quando morreu padre Schuler, todas as crianças choravam. E foram com ele até lá ao alto do cemitério da ponte. Porque, digam-me, meus netos, existe coisa mais bela do que a beleza da caridade para com os pobres? Porque foi o grande S. Agostinho, o Doutor da nossa santa Igreja Católica, que disse, não esqueçam: "que é quase como um dogma que nunca dogma será declarado: nunca se ouviu dizer que alguém que generosamente ajuda os pobrezinhos se tivesse perdido".

E sabem quem contou a história? Um avôzinho, já bem cansado também. Não falem alto que ele não deve ouvir. Como não quer dar a conhecer e está muito cansado para escrever — ele também ama muito os pobres de Deus — fui eu que recolhi dos lábios dele os dados desta história para o coração de vocês, caros alunos, que deve, desde bem cedo, ser educado e formado para a bondade.

Amam a Deus sobre todas as coisas e ao próximo, ao pobrezinho de Deus, como a vós mesmos.

Ex-Aluno



O Irmão Royer, Cozinheiro de nosso Colégio, tem 46 panelões, 40 anos de cozinha, 66 anos de idade e 940 metros de altura, quando subiu "bandeirantemente" semanas atrás até a tampa de rochas que tapa o dorso de Cambirela. Aplauso dos jovens a uma proeza de moço!